

RAPADURA BATIDA E OUTRAS COMPLICAÇÕES

Quando a mulher da área rural nordestina começa a apresentar os primeiros sinais de gravidez, processa-se uma série de modificações nos hábitos da família, envolvendo todos os seus componentes.

Como acontece em toda parte, a mulher começa a ficar com o estômago "embrulhado", a ter, vez por outra, um "escurecimento de vista", uma "oura", uma "cambrainha", a vomitar, a enjoar a comida e as pessoas, sem achar graça em coisa alguma. Consegue, assim, aglutinar a atenção de todos de casa e até mesmo da vizinhança. É quando as comadres se desmancham em pequenas gentilezas como:

- Leva êsse tiquinho de doce de côco prá comadre Dasdores, menino. Pode ser que ela esteja com vontade de comer uma coisa diferente, hoje...

E lá se vai o menino, um olho no padre e outro na missa, conduzindo, com todo o cuidado, o pratinho coberto com um guardanapo tirado do fundo da mala.

Mas, quando a mulher começa a enjoar o marido, o pobre come o diabo! Êle tem que dormir fora do quarto, quase sempre numa rêde armada no corredor. Não come à mesa para não sentar perto da mulher, que fica se queixando do seu cheiro de curral, de cavalo, de bosta de boi.

Um bom remédio para o enjôo das mulheres grávidas é água de côco verde, ou chá de fôlha de uva. Mas, para a mulher enjoada do marido nada como dar para ela cheirar uma ceroula usada por êle. Dizem que é um santo remédio. . .

É chegada, também, a hora do "desejo", quando a mulher, além de passara gostar de coisas que antes não lhe apeteciam começa a ter vontades difíceis, como chupar frutas fora da época, a querer comer guloseimas que não podem ser encontradas, como pamonha no verão. O marido, a família e as comadres da vizinhança fazem o que podem. Portadores são despachados com as incumbências mais variadas: procurar rapadura "batida", meio quilo de lingüiça magra, bacalhau de caixa ou até mesmo massa de sopa em forma de coração. Tudo isso porque ela não pode sofrer a insatisfação do "desejo", sob pena de "perder a barriga", de abortar.

O primeiro, entretanto, a sentir essas modificações é o filho mais nôvo, o caçula, que deixa de ser o alvo de tôdas as atenções para ceder seu lugar ao esperado que fica cheio de direitos, mesmo antes de haver chegado. É o povo de casa que começa a dizer que êle vai ficar "no canto". O pobrezinho começa a ver tudo se modificando, escutando as conversas que giram em torno do esperado e passa a sentir a dor psicológica de perder a caçulagem, de ficar à margem da vida da família com um brinquedo quebrado ou uma bola de soprar já furada.

O caçula é a única pessoa que não sente alegria quando se fala no que vai chegar. Fica triste, macambúzio, andando pelos cantos, chorando às escondidas, sem saber o que faça.

E, nas fazendas, nas vilas e pequenas cidades do interior, onde as relações sociais são mais modestas e os pais mais rudes e sem instrução nunca ouviram falar de psicologia infantil, é que o problema se torna mais cruel e ainda se agiganta mais na imaginação daquele que vai perder o trono.

A chegada do nôvo irmão, que passará a ganhar os cavalos feitos de cambão de milho, a comer o coração da galinha nos almoços domingueiros, a sentar no colo do pai depois das refeições enquanto êle fuma seu cigarro de palha, a ganhar as frutas mais maduras ou o carneirinho mais bonito ou a "baliadeira" de galho de goiabeira, cresce, ante seus olhos de criança

que sofre, a primeira decepção na vida tão atribulada que lhe está reservada.

Fonte: MAIOR, Mário Souto. *Como nasce um cabra da peste* São Paulo. Arquimedes edições, 1969.93p.